

CINEMA SEM PIPOCA, MAS COM DEBATE: REFLEXÕES ACERCA DO USO DO CINEMA NO ENSINO E EXTENSÃO EM ANTROPOLOGIA

Originais recebidos em: 09/03/2010

Aceito para publicação em: 09/06/2010

Maria Catarina Zanini
zanini.ufsm@gmail.com
Lucinéia Ines Weber

Resumo

Este artigo tem por objetivo tecer breves reflexões acerca do encontro entre Antropologia e Cinema baseado em caso empírico oriundo da elaboração e execução do projeto de extensão *Antropologia e Cinema III*, na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), no ano de 2009. Nosso objetivo ao longo das edições deste projeto tem sido o de, por meio da utilização da linguagem filmica, provocar o debate e a discussão de algumas noções e questões caras à antropologia, tais como a questão racial, étnica, de classe, de gênero, entre outras. Tem-se observado, até o momento, que a recepção das narrativas filmicas que apresentam tais temáticas promove o questionamento e também a reflexividade entre os espectadores. Para alguns, conforme narrado, tratava-se de um momento para refletir acerca de temas antes impensados como o racismo, por exemplo. Em suma, trata-se de um projeto que, por meio do debate, pretende ampliar a compreensão acerca das alteridades e das diversidades sociais.

Palavras-chave: Cinema. Antropologia. Extensão

CINEMA WITHOUT POPCORN, BUT WITH DEBATE: REFLEXIONS ON THE USE OF THE CINEMA IN EXTENSION AND TEACHING IN ANTHROPOLOGY.

Abstract

This article aims to analyze the meeting between Anthropology and the cinema springing from the execution of the Extension Project entitled *Anthropology and Cinema III*, at UFSM (Universidade Federal de Santa Maria), in 2009. Our objective in this project is to utilize the filmic language to provoke the discussion on the anthropological questions, like the racial question, the ethnic questions, class, gender and others. Until now we have



Esta obra está licenciada sob uma [Licença Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/).

checked that the filmic narratives with this subjects promotes reflections among the receptors. Some of them, like narrated, never had thought about this questions before, like racism, for instance. Summarizing, this extensionist project claims, by the debates, enlarge the understanding about the alterities and social diversities.

Keywords: Cinema. Anthropology. Extension.

INTRODUÇÃO

Este artigo traz algumas reflexões acerca do encontro entre Antropologia e Cinema baseado em caso empírico oriundo da elaboração e execução do projeto de extensão *Antropologia e Cinema III*, na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), no ano de 2009.¹ Nosso objetivo, ao longo das edições deste projeto, tem sido o de, por meio da utilização da linguagem filmica, provocar o debate e a discussão de algumas noções e questões caras à Antropologia, tais como a questão racial, étnica, de classe, de gênero, entre outras.

Na edição do ano de 2009, optou-se pela exibição de filmes com temática de guerras e de conflitos étnicos. Não havia, inicialmente, um período histórico particular ou uma seleção de filmes mais ou menos históricos; nosso objetivo era fazer uma listagem de filmes bons para a reflexão e com variedade de chamamento geracional permitindo o diálogo com um número maior e mais diversificado de espectadores. Houve a execução de dois ciclos, o *Entre homens e guerras* e *Entre guerras e homens*. Os filmes que compuseram estes ciclos foram: *A vida é bela* (1997); *O preço da coragem* (s.d.); *Cinzas da Guerra* (2003); *Olga* (2004); *O Capitão Corelli* (2001); *Matemática do Diabo* (2004); *Bem-vindos ao Paraíso* (1990); *Mediterrâneo* (1992); *Filhos da Guerra* (1991); *A paixão de Jacobina* (2002). Houve uma predominância de filmes sobre a II Guerra Mundial devido à riqueza das discussões étnicas ali presentes, bem como pela quantidade e qualidade de

¹ Este projeto, em sua primeira edição, *Antropologia e Cinema I*, foi premiado pela ABA (Associação Brasileira de Antropologia), juntamente com a Fundação Ford, como um projeto inovador no ensino da Antropologia, tendo uma publicação de livro oriunda desta experiência (ZANINI, 2007). O projeto *Antropologia e Cinema I* trabalhou mais especificamente as questões raciais e étnicas, o *Antropologia e Cinema II* com as questões de raça, etnia, classe e gênero.

películas existentes sobre este período. Contudo, devido a solicitações dos espectadores das edições anteriores do projeto, sempre incluímos filmes nacionais que tratem de questões relativas ao cenário das diversidades étnicas e sociais no Brasil.

A solicitação de produções nacionais foi um aprendizado muito importante por nós vivenciado na primeira edição do projeto e que nos alertou que os espectadores desejavam filmes que apresentassem situações próximas a eles também. Na edição *Antropologia e Cinema II* incluímos, num ciclo sobre a questão indígena, vários filmes nacionais, tais como *Tainá* (2002), *O Guarani* (1996) e *Caramuru* (2001).

Por meio da experiência com um projeto de extensão como este, pudemos, ao longo do tempo, tecer algumas reflexões maiores sobre o uso do cinema no ensino e também como instrumento de prática extensionista universitária. Do ponto de vista conceitual, entendemos cinema como algo que, contemporaneamente, faz parte da vida das pessoas (GEERTZ, 1997), em especial, aquelas do mundo urbano e já acostumadas a fazer deste uma opção de lazer e de entretenimento aliadas a determinado estilo de vida. O cinema pode ser compreendido também como uma agência de produção, circulação e consumo de significados sociais, concordando assim com Geertz (1997), para quem as estruturas de significado são a matéria-prima do trabalho do antropólogo. Numa sociedade em que a imagem se torna cada vez mais algo presente e necessária nas vivências cotidianas, fazer uso deste recurso como instrumento para a reflexão das diversidades, pareceu-nos algo extremamente profícuo. O cinema é, igualmente, como um veículo de comunicação e uma forma de expressão, produtor de repertório de imagens, vocabulário, gostos, consumos e também produtor de memórias. Sua força social não pode ser negligenciada e nem subestimada.

Neste artigo, faremos algumas reflexões conceituais acerca do cinema e também apresentaremos dados empíricos da execução do projeto no ano de 2009. Sendo uma atividade extensionista que contava somente com uma bolsa para estudante, sem outros recursos de financiamento, foi uma grata satisfação acompanhar o envolvimento dos voluntários e a boa vontade da equipe da Biblioteca Central da UFSM em nos ceder o

espaço multimídia para a exibição dos filmes. Praticar extensão das universidades públicas, com certeza, é algo que acontece em partilhas e parcerias.

A relação entre Antropologia e cinema, como ressalta Hijiki (2007) é histórica na constituição do campo científico da disciplina, e seus usos e recursos de reflexão são múltiplos. De nossa parte, pretendemos fazer com que cinema, no ensino da Antropologia, seja “bom para pensar” e, para além do pensamento, seja bom para que os indivíduos consigam se expressar e se colocar coletivamente. Como ressalta Mascarello (2006), ainda não haveria, no Brasil, uma tradição de estudos de recepção de cinema, ou como ele denomina, de “espectatorialidade cinematográfica” e, embora nosso objetivo não seja efetuar um estudo clássico de recepção, pensamos que se pode dar início a um diálogo entre ensino, extensão e pesquisa por meios de experiências transversais como esta.

MATERIAL E MÉTODOS

O objetivo do projeto, desde sua primeira edição, tem sido o de atrair para as sessões de exibição e para o debate um número variado e amplo de espectadores, dependendo da faixa etária específica de cada filme. Sendo um projeto de extensão universitária, buscávamos incentivar pessoas da comunidade santa-mariense em geral a se fazerem presentes nas sessões por meio da divulgação no *site* da UFSM, nos jornais locais e na rádio universitária, quando possível. O local escolhido para as exibições do ano de 2009 foi a sala de Vídeo da Biblioteca Central, localizada num ponto estratégico do *Campus* universitário, como já ocorrera nas edições anteriores do projeto. Pensávamos que este local seria mais central e estratégico para atrair um número mais variado de pessoas devido ao grande fluxo de pessoas que por ali circulam diariamente e também por ser um espaço qualificadamente equipado (com aparelho de DVD, multimídia, computador, vídeo cassete, televisão 29 polegadas, tela, entre outros). Os dias escolhidos foram às quintas-feiras no primeiro ciclo de 2009 e às quartas-feiras, pela tarde, no segundo ciclo, de 15 em 15 dias, com encontros de, em média, 3 a 4 horas, composto de filme e debate. Este projeto possui

uma equipe (um bolsista e voluntários) que auxiliavam na divulgação, organização e manutenção do cronograma, permitindo uma continuidade e rotina no projeto, o que favorecia sua aceitabilidade e credibilidade.

Por que o debate? Nosso objetivo era, ao final de cada sessão, via debatedor convidado, dar início às reflexões acerca das questões apresentadas nos filmes. No encerramento, igualmente, fazíamos um fechamento procurando encadear as várias sessões de cinema dos módulos. Os debatedores convidados eram mestrandos, professores, pesquisadores, antropólogos, historiadores, entre outros, que, de uma forma ou outra, possuíam familiaridade com os temas apresentados. Havia uma pasta de textos para subsidiar as reflexões sobre antropologia e cinema que ficava disponível no Núcleo de estudos contemporâneos (NECON), no qual o projeto estava lotado.² Igualmente, ao término das atividades, solicitávamos aos que desejassem, que contribuíssem com nosso projeto respondendo algumas questões acerca do filme, de sua recepção e também de sugestões temáticas e de filmes para as próximas edições do projeto.

Entendemos que o debate é o momento em que o espectador pode tornar públicas (se assim desejar) suas inquietações acerca das realidades apresentadas nos filmes. Contudo, do ponto de vista pedagógico, sempre respeitamos os silêncios, comuns em muitos filmes. Como os filmes de 2009 tratavam de experiências humanas dolorosas e difíceis, por vezes, respeitou-se o desconforto que alguns filmes provocaram e a pouca narratividade pública. Compreendendo o espectador como alguém receptivo, reflexivo e atuante no processo de interpretação, alguns conceitos da historiografia e da Antropologia foram introduzidos via experiências das narrativas fílmicas. Como ressalta Stam (1998), o cinema produz uma constelação de tempos e espaços e, nestas negociações, significados surgem, manifestam-se e podem ser revisitados. Passado, presente, futuro, memórias, leituras sobre os tempos vividos e narrados estiveram presentes em ambos os ciclos.

Uma das questões mais presentes nos filmes era a estigmatização de determinadas categorias sociais em momentos históricos específicos, como foi a perseguição aos judeus na II Guerra Mundial ou aos colonos alemães no filme *A Paixão de Jacobina*. Tratar do

² O NECON é coordenado pela Professora Maria Catarina C. Zanini, do Departamento de Ciências Sociais da UFSM.

estigma (GOFFMAN, 1980)³ e como este pode se tornar um orientador para as ações coletivas foi sempre algo que nos preocupou nas várias edições do projeto. Salientar o quanto as culturas são dinâmicas e como há categorias que findam por serem naturalizadas, apesar de sua historicidade, foi, igualmente, um de nossos objetivos por meio do debate. A provocação era algo que remetia a discussões importantes na construção da Antropologia enquanto ciência e também enquanto campo de conhecimento que se propõe a desconstruir determinadas noções “dadas”.

A produção dos rótulos partindo das estereotipações como já analisado pelas Ciências Sociais (VELHO, 1981) tem revelado relações de poder existentes na criação das rotulações (BECKER, 1977). Assim, usar uma linguagem mais simples para tratar de questões culturais tem sido a tônica do projeto, permitindo que os indivíduos possam pensar acerca das rotulações apresentadas na tela e aquelas das quais socialmente também possam compartilhar. Não se trata de um projeto de julgamento social, mas antes, de discutir a historicidade e dinâmica da criação das fronteiras e das distinções sociais que, por vezes, fazem uso de tipologias e findam por se tornar instrumentos de exclusão. Fazer uso do cinema para introduzir este processo reflexivo é algo extremamente gratificador, pois há bons roteiros e produções que têm nos permitido chegar até as pessoas.

RESULTADOS E ANÁLISE

Nosso objetivo não era analisar o cinema (enquanto obra), numa perspectiva de crítica de gênero cinematográfico, mas sim observar, no diálogo entre um e outro, a sempre interminável produção de sentidos e como o cinema e sua linguagem são instrumentos provocadores e bons para “pensar”. Nesta produção e reflexão de sentidos, os encontros se davam entre subjetividades e objetividades sociais, em que os indivíduos, transportados para o mundo do outro, por vezes, encontram-se consigo mesmos. Como os ciclos desta

³ Para Goffman (1980), os estigmas podem ser de vários tipos, inclusive o étnico e o racial. Por estigma se entende uma marca que distingue negativamente um indivíduo na sociedade.

edição versaram sobre guerras, e alguns filmes escolhidos tinham histórias bastante densas, houve momentos de bastante comoção na plateia.

Partilhamos da compreensão de Geertz (1997), para quem a arte é uma forma de os indivíduos falarem sobre suas vidas. Entendemos que nossa escolha por filmes do circuito comercial é algo positivo. Este cinema, fruto do mercado, da arte e da experiência tecnológica de cada período histórico merece ser objeto de análise antropológica também. No caso por nós experimentado, serviu como instrumento provocador de reflexões e de questionamentos. Para Hijiki (1998, p.7), “o cinema contemporâneo falaria para o homem e também do homem”. São estas narrativas tensas e pedagógicas que objetivávamos ao editar o projeto. Desde o início das atividades extensionistas, as questões raciais e étnicas sempre foram os fios condutores das edições permitindo que, associadas a outras temáticas, como classe, gênero, por exemplo, indicassem alternativas de reflexão e de construção de narrativas.

Na história da Antropologia, a noção de raça tem se mostrado fértil para embates e para tentativas interpretativas da condição humana, vide as teorias evolucionistas do século XIX. Mesmo sendo uma categoria pouco explicativa do ponto de vista científico, enquanto uma categoria social válida que orienta condutas, a noção de raça está presente em nossa sociedade. Compreendida historicamente, talvez seja mais fácil de desconstruí-la na contemporaneidade, pois se observa que algumas atitudes racistas são assimiladas sem questionamento, por meio dos processos socializadores. Assim, permitir aos espectadores um momento para refletirem sobre questões que, talvez, não tivessem noutras oportunidades de seu cotidiano, pareceu-nos bastante interessante. Alguns comentários ao longo das edições do projeto nos remetiam a isso. Para algumas pessoas, refletir sobre seus estereótipos, preconceitos ou categorizações não fazia parte da rotina. Tendo esta provocação, o resultado, para os próprios indivíduos foi algo narrado como positivo. Talvez porque as naturalizações findam por serem incorporadas nas interações sociais e,

respaldadas coletivamente, nem são, por vezes, percebidas como danosas ao outro que é, nas relações sociais, estigmatizado.⁴

Como ressalta Stam (2008), o cinema brasileiro e o norte-americano têm pontos de convergência e divergência em relação à forma como tratam os negros e os grupos indígenas, o que permite que se possam fazer paralelos. Mesmo fazendo uso de filmes que traziam estereótipos, compreendemos que são pontos de partida para os debates e as desconstruções históricas acerca do uso das imagens e das narrativas acerca do outro.

No Brasil, alimentado pela crença na “democracia racial” pensa-se, por vezes, que discutir preconceito racial ou étnico não é relevante ou importante. Pensamos de forma diversa, fazendo uso de linguagens fílmicas para promover o debate e a reflexão. Salientamos, igualmente, que no Brasil a noção de raça pode não ser mais cientificamente válida, mas socialmente ainda é um guia para ações. O debate não é só importante como é um exercício de cidadania.

Nossa motivação primeira, ao editar o *Antropologia e Cinema I*, era provocar o debate e a visibilização de questões acerca das diversidades étnicas, culturais, raciais e sociais na região geográfica e social na qual a UFSM está situada. A região central do Rio Grande do Sul foi colonizada por grupos étnicos diversos (alemães, italianos, portugueses, sírio-libaneses, afro-descendentes, palestinos, poloneses, judeus, entre outros) e permitir, por meio de um projeto extensionista a reflexão acerca de constituição humana regional e nacional, parecia-nos algo relevante e importante de ser efetuado.

Compreendemos a recepção como um espaço de criação e de elaboração de sentidos (OROZCO-GOMES, 2003) existentes e outros sempre em constante construção. Estávamos cientes de que cada indivíduo presente nas sessões possuía elementos de mediação advindos de suas trajetórias (MARTIN-BARBERO, 2003) e queríamos, acima de tudo, inquietá-los.

Uma espectadora de 18 anos, em resposta ao questionário distribuído no final da sessão do filme *A vida é bela*, ressalta que havia gostado do filme, porque, em geral, os filmes de guerra teriam uma linguagem mais “cruel”, mas aquele filme tinha sido distinto.

⁴ Os resultados parciais das edições anteriores do projeto já foram assunto de publicações anteriores (vide ZANINI, 2008a e 2008b)

Embora o filme gire em torno de um campo de concentração e da luta de um pai judeu para salvar seu filho, esta espectadora teve sua atenção voltada mais para as questões de classe apresentadas no filme. São estes os elementos que consideramos extremamente interessantes no cinema, pois ele permite que o indivíduo, ao entrar em contato com aquela narrativa, faça sua própria leitura cruzada com elementos próprios seus. Outra espectadora, do sexo feminino, 60 anos, ressaltou que este seria um filme bom para se “analisar melhor em família”.

O filme *A vida é bela*⁵, não somente pela forma como trata da realidade dos campos de concentração, mas também pelo humor característico do autor, é um instrumento interessante de ensino de Antropologia. Questões como a eugenia, o preconceito, a estigmatização aparecem de distintas formas no filme. Este foi um filme que emocionou muito a plateia, conforme observado pela equipe do projeto. A coordenadora, que sentava nos últimos bancos da sala de exibição, observou que as reações se mostraram significativas em alguns momentos da narrativa fílmica. Como ressaltado por uma espectadora (60 anos)⁶: “Em dado momento, uma lágrima correu nos meus olhos! É dor pelo que a humanidade é capaz de fazer”. O sentimento de dor se mostrou presente noutro questionário respondido sobre a *Vida é Bela*: “dor, revolta, vontade de chorar” (sexo feminino, 23 anos). Somente um dos questionários respondidos ressaltou a questão do riso como marca do filme, embora o filme tenha muitas cenas engraçadas.

O filme *O preço da coragem*⁷, segundo uma espectadora (18 anos, sexo feminino) teria sido extremamente rico por trazer o papel da mulher na guerra, algo, por vezes negligenciado. Como ela mesmo respondeu no questionário: “porque sempre se é pensado na mulher dentro de casa, protegida”. Outro espectador, 19 anos, sexo masculino, colocou que, neste filme, o sentimento mais presente foi o de aflição: “aflição, por causa das

⁵ Este filme tem como título original *La vita é bela* e foi lançado originalmente na Itália em 1997. Com roteiro de Vincenzo Cerami e Roberto Benigni e com direção do segundo, traz a história de um pai judeu para salvar seu filho num campo de concentração nazista durante a II Guerra Mundial.

⁶ As narrativas apresentadas neste artigo são aquelas presentes nos questionários respondidos ao final de cada sessão.

⁷ Este filme tem como título original *A Mighty Hearth* e foi lançado em 2007 nos Estados Unidos. Teve direção de Michael Winterbottom e roteiro de John Orloff (baseado no livro de Mariane Pearl). Foi protagonizado por Angelina Jolie, jovem artista norte-americana. Narra a história da esposa de um jornalista correspondente na Ásia, que desaparece, e sua luta para encontrá-lo.

situações em que os indivíduos eram colocados”. Sendo um filme produzido pela indústria cinematográfica norte-americana, outro espectador, do sexo feminino, 25 anos, ressalta que: “mesmo sabendo que é estratégia de marketing, o filme aflorou o sentimento nacionalista”. Outro filme que chamou a atenção para a questão do desprestígio da mulher foi *Cinzas da guerra*⁸ que, segundo depoimentos presentes nos questionários, teria mostrado a forma dolorosa como os seres humanos se tratam. Outro elemento que este filme alertou foi acerca das memórias. Nossa equipe entende memória como ressaltado por Halbwachs (1990), ou seja, como construções sobre o passado elaboradas no presente. Assim, pode-se dizer que há filmes que provocariam, igualmente, a construção de memórias e a reflexividade dos indivíduos que, ao assistirem um filme, lembram-se de outros que já haviam assistido antes e que trabalhavam com temas similares. Podem evocar memórias individuais também, coisas que somente o indivíduo pode relacionar, como o cheiro de alimentos, a cor das paisagens, entre outros. É comum, nos comentários, durante e após os filmes, lembranças virem à tona.

Outro filme que teria sido bom para pensar seria *O capitão Corelli*⁹ que, embora tratasse da guerra, mostra o cotidiano de soldados isolados numa ilha com seus habitantes. Longe de um cenário de mortes e ataques, as violências ali se dão de forma mais sutil. O tom alegre do filme e as belas paisagens mostram que se pode pensar em guerra, em preconceito, desigualdade, violências, sem necessariamente ter um filme triste para isto. O filme colorido, leve e com um romance encadeado, faz com que se pense na guerra, mas de uma forma distinta. Quando a equipe selecionou este filme e *Mediterrâneo*,¹⁰ pensávamos assim, ou seja, de introduzir narrativas fílmicas expressivas, mas não necessariamente nos cenários usuais de guerra. Associar romance e guerra é algo bastante utilizado pela indústria cinematográfica como atrativo e, em nosso projeto, como muitos dos espectadores

⁸ O filme *Cinzas da Guerra* foi lançado com o título *The Grey Zone*, em 2001, nos Estados Unidos. O roteiro e a direção são de Tim Blake Nelson e seu enredo gira em torno do Holocausto e da II Guerra Mundial.

⁹ Filme produzido nos Estados Unidos, lançado em 2001, teve como título original *Captain Corelli's Mandolin*, com direção de John Madden, roteiro de Shawn Slovo, baseado no livro de Louis de Bernieres. Narra a história de soldados italianos que se instalam na ilha grega de Cefalônia e os conflitos, tensões e relações que nascem deste episódio.

¹⁰ *Mediterrâneo* é um filme que trata da Segunda Guerra Mundial também e tem no enredo soldados deixados numa ilha e os dilemas que partem desta convivência. Este filme foi lançado na Itália em 1991, tendo como título original *Mediterraneo*. Foi dirigido por Gabriele Salvatores e roteiro de Enzo Monteleone.

talvez nunca tivessem participado de conflitos bélicos, pensamos em iniciar o debate pela relação amorosa apresentada no filme. Um filme muito rico que assim se desdobrou no debate foi *Bem-vindos ao paraíso*¹¹, que narra a história de um romance entre um cidadão americano e uma nipo-americana e os conflitos existentes para que possam viver este romance. Enquanto o filme narra a relação amorosa, apresenta, como pano de fundo histórico, a perseguição aos japoneses e seus descendentes no cenário da II Guerra Mundial nos Estados Unidos e a criação dos “acampamentos” para eles como forma de isolá-los.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para a equipe do projeto, com certeza, a edição de 2009 trouxe resultados significativos, tais como a gratificação de conhecer novos espectadores que têm o cinema como um gosto e os debates sobre questões importantes para a Antropologia e o exercício extensionista pensado em suas positivities e negatividades. Para o bolsista e os voluntários envolvidos no projeto, com certeza, ter uma experiência no cotidiano da universidade e de como fazer o seu produto – o conhecimento – ter alguma validade maior, foi um exercício importante. Sendo o conhecimento nosso grande produto a ser apresentado à sociedade, pensamos que, embora o alcance de nossos objetivos sejam pequenos, trata-se de uma experiência realizada anualmente com muito vigor e envolvimento.

Além disso, os filmes escolhidos nem sempre agradam. O filme *Matemática do diabo*¹², que também trata do Holocausto, foi muito criticado por ser considerado um filme muito “hollywoodiano” e “pobre”. Estas críticas são muito importantes para a equipe do projeto, pois faz com que possamos pensar em títulos diversos e com produções menos elaboradas, mas mais intensas. Pensamos que uma ação extensionista como esta que pretende invocar o debate, a discussão e a reflexão sobre preconceitos, estigmas,

¹¹ O filme *Bem-vindos ao Paraíso* teve como título original *Come see the paradise* e foi lançado nos Estados Unidos em 1990. Teve roteiro e direção de Alan Parker.

¹² O filme *Matemática do Diabo* foi lançado nos Estados Unidos com o título original *The Devil's Arithmetic*, em 1999. Com direção de Donna Deitch e roteiro de Robert J. Avrech, baseado no romance de Jane Yalen.

desigualdades e estereótipos, embora pequena e modesta, pode ser um começo de novas relações sociais cotidianas mais igualitárias e respeitadas entre as pessoas. Com certeza, como o cinema é uma arte que se desdobra no interior dos indivíduos, de suas subjetividades e reflexões silenciosas durante as sessões, muitos dos resultados de nosso projeto poderão jamais ser conhecidos ou expostos. Para nossa equipe, com certeza, o que importa é reunir pessoas com o desejo de pensar as diferenças, os diferentes e como historicamente e socialmente isto tem-se dado.

Como projeto extensionista da UFSM, cada sessão fornecia um certificado de 4 horas aos espectadores. Contudo, houve espectadores que vinham às sessões somente para participar. Dentre os erros e acertos, estamos nos preparando para uma próxima edição do projeto.

AGRADECIMENTOS

Somos gratas à Pró-Reitoria de Extensão da UFSM, ao GEAIC/CCSH, aos bolsistas NECON/UFSM (Trícia Andrade Cardoso, Simone Lira da Silva, Natana Alvina Botenzi, Rubia Machado e Juliana Franchi da Silva) e à Lucinéia Inês Weber, bolsista deste projeto.

REFERÊNCIAS

BECKER, Howard. **Uma teoria da ação coletiva**. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1990.

HIJIKI, Rose Satiko. **Imagem-violência. Mimesis e reflexividade em alguns filmes recentes**. Dissertação apresentada ao PPGAS Antropologia Social. USP. São Paulo, 1998.

HIJIKI, Rose Satiko Gitirana. O cinema à luz da antropologia e vice-versa. IN: ZANINI, Maria Catarina C.Zanini (org). **Por que “raça”? Breves reflexões sobre a “questão racial” no cinema e na antropologia.** Santa Maria: Ed.UFSM, 2007. p.11-40.

GEERTZ, Clifford. **O saber local. Novos ensaios em Antropologia interpretativa.** 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

MARTIN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações.** 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.

MASCARELLO, Fernando. Mapeando o inexistente: os estudos de recepção cinematográfica, por que não interessam à universidade brasileira? **UNIREvista**, v. 11, n. 3, p.1-12, jul. 2006. Disponível em: <[HTTP:// www.unisinos.br](http://www.unisinos.br)>. Acesso em: mar. 2007.

OROZCO-GOMEZ, Guillermo. Los estudios de recepcion: de um modo de investigar, a uma moda, y de ahí a muchos modos. **Intexto**, Porto Alegre, UFRGS, n. 9, 2003/02. Disponível em: <[HTTP://www.Intexto/PPGCOM/Ufrgs](http://www.Intexto/PPGCOM/Ufrgs)>. Acesso em: ago. 2005.

STAM, Robert. Hybridity and the aesthetics of garbage: the case of brazilian cinema. **Cultural visual en America Latina.** vol 9, n.1, jan./jun. 1998. Disponível em: <[HTTP://www.tau.ac.il/eial/IX](http://www.tau.ac.il/eial/IX)>. Acesso em: mar. 2007.

STAM, Robert. **Multiculturalismo tropical.** São Paulo: Edusp, 2008.

VELHO, Gilberto. **Desvio e divergência.** 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

ZANINI, Maria Catarina C.Zanini (org). **Por que “raça”? Breves reflexões sobre a “questão racial” no cinema e na antropologia.** Santa Maria: Ed.UFSM, 2007.

ZANINI, Maria Catarina Chitolina. Por que Cinema com Antropologia? Breve relato de uma experiência etnográfica de recepção cinematográfica. **RUA (UFSCAR)**, São Carlos, 2008. Disponível em: <[HTTP:// www.ufscar.br/rua/.](http://www.ufscar.br/rua/)>. Acesso em dez.2009.